

FESTA DE SANTO: Território, Memória E Cotidiano.

Ana Beatriz de Sousa Ferreira Melo¹

Resumo

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada na Vila do Cravo, localizada a 35 km do município de Concórdia do Pará, na mesorregião Nordeste Paraense. Tem por objetivo central observar o modo como a principal festividade religiosa local influencia nas práticas cotidianas da comunidade, se manifestando espacialmente através da produção de um território simbólico, constituído de múltiplas territorialidades presentes nas relações de trabalho, familiares e de vizinhança (HAESBAERT, 2004). Os dados apresentados foram coletados em pesquisa de campo realizada entre abril e agosto de 2017, além de um levantamento bibliográfico sobre religiosidade popular no Brasil, conjuntamente com textos sociológicos acerca de temas como memória coletiva e estudos sobre o cotidiano.

Palavras-chave: Campesinato, Territorialidade, Religiosidade.

Introdução

O campesinato na Amazônia paraense é marcado por uma forte religiosidade que perpassa pelos diversos aspectos da vida cotidiana. Regendo relações de trabalho, família e comunidade. Tecendo territórios a partir de práticas religiosas como as festas de Santo, comuns ao catolicismo popular que é alicerce para muitas comunidades camponesas.

A Igreja Católica assume nesse contexto grande importância, porque é em torno dela que se configura a vida das comunidades, tornando-se local de sociabilidades, ponto de encontro e muitas vezes um espaço político de conscientização dos direitos dos trabalhadores, norteando muitas relações estabelecidas sobre o território (FABRINI, 2008, p. 266).

Nesta perspectiva, as festas de santo surgem como exemplos da territorialização camponesa, fortalecendo laços comunitários, relações de vizinhança e ressaltando o sentimento de pertencimento do camponês com o espaço. Logo, busca-se neste artigo, compreender a influência de uma festa religiosa na construção de um território vivido, através das diversas territorialidades existentes na comunidade, tomando como local de análise a

¹ Discente do curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Pará.
biabilearg@gmail.com.

comunidade do Cravo, localizada na mesorregião do nordeste paraense, e sua tradicional festa de Nossa Senhora das Graças.

O ritual promovido pelas festas de santo se configura no Brasil principalmente a partir do século XV e por todo o século XVI. Porém, o culto mariano, com suas representações da Virgem, dentre estas N.S. Das Graças, padroeira da comunidade do Cravo, é desenvolvido desde meados do século XII, conhecendo seu ápice no século XV (SOUZA, 1986, p. 115-116).

Na Amazônia, o catolicismo vivenciado por esses grupos se caracterizava por complexas práticas de devoção, com gosto apurado pelas missas celebradas com grandes aparatos litúrgicos, acompanhadas por música e, principalmente, pelas procissões dos santos patronos, como se percebe na Vila da Cravo nos dias atuais, a partir da procissão das velas, elemento da festa de N.S. das Graças.

Tais eventos, apesar de manterem as linhas estruturais básicas de suas origens portuguesas, passam a criar, em uma versão própria, esquemas culturais de significados e significações próprios (ALVES, 2005, p.316), impregnados de um catolicismo popular amazônico.

Os dados apresentados nesse artigo são decorrentes de pesquisas de campo, realizadas entre abril e agosto de 2017, no qual foram coletados depoimentos orais dos moradores da vila do Cravo, ramal do cravo, km 35 (Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) e km 40 (Comunidade Nova Esperança). Além de um levantamento bibliográfico acerca de temas como religiosidade popular no Brasil, conjuntamente com textos sociológicos sobre tradição, memória coletiva e estudos sobre o cotidiano.

Há, ainda, uma correlação de tais conceitos com o território, categoria que pressupõem um processo de apropriação do espaço geográfico, neste contexto, por meio da identidade (GONÇALVES, 2002). Gerando territorialidades internas tecidas através das relações sociais e culturais cotidianas dos indivíduos que tradicionalmente ocupam e organizam tal espaço. Tornando essencial se pensar a experiência religiosa a partir do território onde estas ocorrem, pois, “este lugar está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade religiosa” (ROSENDAHL, 2008, p. 7).

Trajetórias Sagradas: Os caminhos da Santa na memória e no espaço camponês.

“-Espera aí, seo Camilo...

- Manuelzão, que é que há?

- Está clareando agora, está resumindo...

- Dai, é dúvida?

- Nem não. Cantar e brincar, hoje é festa - dançação. Chega o dia declarar! A festa não é pra se consumir - mas para depois se lembrar...”

(ROSA, 1994, p.193-4)

Mês de maio é tempo de festa na vila do Cravo. O foguetório na alvorada demarca o início da celebração da padroeira local, Nossa Senhora das Graças, período que se encerra ao fim do mês com o momento de coroação da Santa. O padre, vindo do município de Concórdia ou de Bujaru, é recebido com entusiasmo pela comunidade, que após os fogos e a reza na igreja, passa a se dedicar as novenas.

As novenas ocorrem por grupos de evangelização, sendo assim, a cada noite um grupo diferente é responsável por coordenar estas. Esses grupos são presididos por um coordenador geral, que possui mandato temporário de dois anos, sendo eleito por membros da comunidade maiores de 16 anos e católicos. O papel do coordenador é administrar questões relacionadas à Igreja. Sendo pré-requisito para o cargo o indivíduo em questão ser uma pessoa bem vista pela comunidade. Há, ainda, os coordenadores dos grupos de evangelização, que não são eleitos, mantendo sua posição de maneira praticamente permanente, alguns estando à frente de grupos a décadas. São em geral pessoas de grande prestígio, com certa importância política (MACEDO, SOUSA, 2017, p.63).

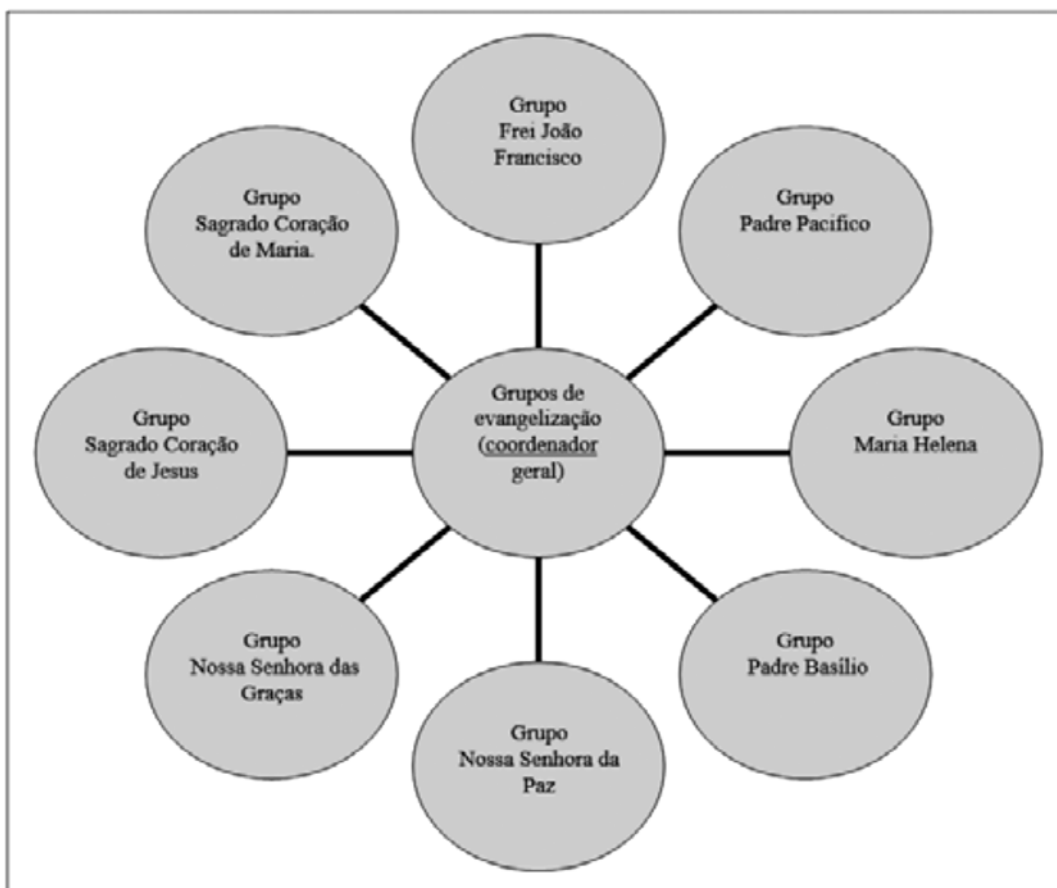


Diagrama 1 Grupos de evangelização. Fonte: SOUSA E MACEDO, 2017.

Durante todo esse período de novenas, a imagem da Santa passa pelas casas que solicitam sua visita, sempre acompanhada da guarda da santa, composta pelos devotos mais jovens, fortalecendo uma teia de relações entre as diversas comunidades e gerações envolvidas no ato, que se manifestam espacialmente através da produção de um território simbólico, constituído de múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2004).

As solicitações vem de diversas comunidades próximas a vila, tais como Santana, Curuperé, Curuperézinho, São Judas, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Km 35) e Nova Esperança (km 40). Cada uma com seus próprios festejos e padroeiros que, num movimento de ir e vir estabelecem uma relação trocas e solidariedade econômica e cultural entre as famílias, garantindo a manutenção de um sistema de sociabilidade festiva. Movidas não apenas pelo sentimento de fé, como também pelo desejo de reencontrar familiares e amigos, fortalecendo vínculos sociais e espaciais.

Entretanto, tal teia de relações promovidas pela festa, sobretudo no âmbito interno da Vila, está presente não apenas no período de sua realização, como também se estende ao longo do ano, através da preparação, da construção de um calendário religioso específico, e nos movimentos e memórias coletivas que garantem a sobre-vivência dessa prática cultural-religiosa (HALBWACHS, 2006). O termo “sobre-vivência” é grafado desse modo com a intenção de evidenciar que tais práticas devem ser compreendidas, não apenas como resistência frente a introdução de novas dinâmicas, mas, também, como aspecto cultural-religioso que se mantém vivo nas relações cotidianas da população.

Historicamente a ocupação do território, onde hoje se localiza a vila do cravo, tem forte relação com o rio, ocorrendo inicialmente às margens do rio Bujaru no final do séc. XVIII. Figuras como os grandes e médios proprietários, pequenos sesmeiros, sitiantes sem-terra, comunidades negras rurais e indígenas, grupos de escravos fugitivos e ex-escravos passaram a ocupar áreas interiores a essas margens que são cortadas por furos e igarapés (MALCHER, 2010).

Relatos de moradores mais antigos, como Seu Mandukinha, expressam memórias de antepassados ligadas à construção da Igreja de Santana, localizada na foz do rio, em Bujaru, construída com pedras por ex-escravos. É nessa igreja matriz que ocorre, no mês de Julho, à festa da mais antiga Padroeira. Apesar de atualmente ser visitada com menos frequência, nesse período o festejo dava ao rio novo significado, transformando-o em percurso da romaria.

As famílias transportavam no casco (Canoa) todos os suprimentos necessários, como estoques de lenha e comidas, o suficiente para passar o final de semana (COSTA, MACEDO, 2010). Outros iam abrindo caminho pela mata, no passado ainda virgem, trajeto mais trabalhoso, porém, segundo seu Mandukinha, “era um caminho alegre, cheio de cantoria.” Ao chegarem à igreja ocorria o festejo, um momento de grande alegria, regado à bebida, música e dança.

Porém, com a ocupação efetiva da área que hoje é a Vila do Cravo, as idas a Santana tornaram-se menos frequentes. A comunidade passou a se dedicar a construção da capela de Nossa Senhora das Graças, iniciada em meados dos anos 50, através de doações da própria população e arrecadação financeira por meio de ladainhas feitas nas casas, além da doação da própria força de obra.

A festa de Nossa Senhora das Graças ocorre no Cravo desde a década de 1940. Sendo iniciada pela participação de algumas pessoas muito religiosas na comunidade, moradores como Raimundo Santana e João Braga de Cristo, que junto com a professora Erundina e frei João Francisco organizaram a romaria e a escolha da padroeira da comunidade (SOUSA, MACEDO, 2017).

Dona Andressa, moradora da vila, de 83 anos, demonstrou o grande envolvimento de todos com a construção, através do “Livro Ouro”, caderno onde se encontram registradas todas as doações voltadas para esta construção. A moradora relembra a forte ligação que sua família historicamente estabelece com a igreja, afirmando que o marido ajudou na construção e o filho, João Lázaro, recentemente preparou a sala do santíssimo e redecorou a fachada.

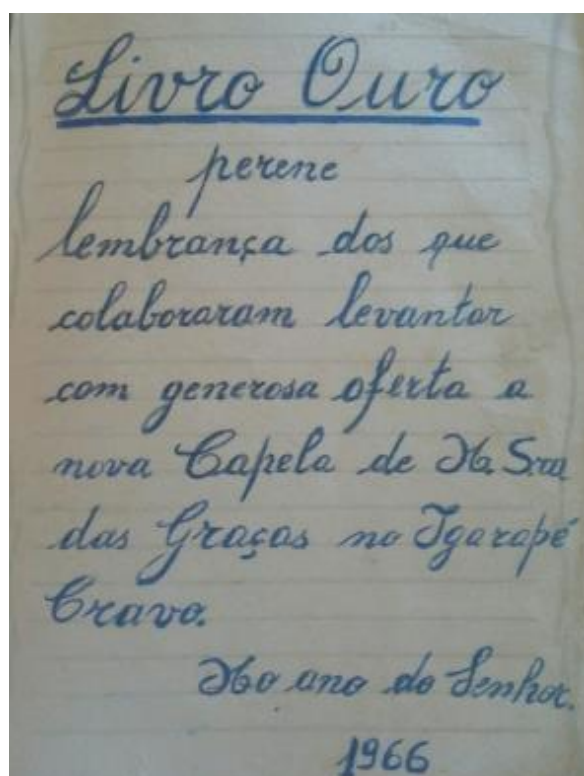


Figura 2 Livro Ouro. Fonte: A autora



Figura 3 Fachada da Igreja de Nossa Senhora das Graças. Fonte: A autora

Apesar da intensa migração dos “filhos do cravo” rumo a Belém nos anos 80, momento no qual várias famílias ou membros delas abandonaram ou venderam seus lotes de terra, houve na década posterior a inversão desse processo. O retorno dos moradores se deve em grande parte as melhorias de infraestrutura. Com o melhoramento da estrada e a chegada da luz elétrica a dinâmica local mudou.

Dentre as novas dinâmicas há a crescente presença de diferentes grupos religiosos na Vila. Estes grupos, de maioria evangélica, não participam dos festejos católicos, frequentando outros espaços religiosos que se mantêm distantes do centro da vila, como é possível identificar na fala de um casal de moradores entrevistados, seu João e dona Ana Santana, ambos evangélicos, que afirmam frequentar uma igreja tão afastada que demanda o uso moto para chegar a ela. Durante a mesma entrevista foi imediata à declaração de sua religião, através da autoafirmação de sua diferença dos “irmãos católicos”.

Uma das filhas de Dona Andressa, a Pastora Geralda, moradora do ramal do Cravo e professora aposentada, orientou a construção de uma Igreja Quadrangular próxima à vila. E, apesar de não representarem uma expressiva influencia sobre o território, tais grupos são contra o culto a imagens, bebidas ou festejos que remetam aos Santos, criando uma própria rede de relações com seus próprios espaços sagrados.

Esses grupos cresceram desde a introdução da religião evangélica na vila em meados dos anos 70, quando, segundo Seu Jesus, morador do Km 35, houve a permissão para o primeiro culto dentro da vila, em decorrência de um relato de acidente curado através de milagre, promovido pelas orações de um pastor. Porém, tais grupos, mesmo sendo cada vez mais presentes, não assumem a mesma importância que a religião católica, predominante na comunidade, demarcadora de tempos e espaços da vivência local.

A instalação da energia elétrica também ocasionou a aquisição de aparelhos eletrodomésticos, como a televisão, que ao apresentar uma forma alternativa de lazer acaba interferindo nas relações de sociabilidade entre os moradores da Vila, sendo apontada pelos grupos de evangelização como responsável pela diminuição de pessoas nas reuniões de grupo (SOUSA, MACEDO, 2017).

Outra mudança perceptível dentro do território da festa religiosa são as festas de aparelhagem e nos balneários, que atraem os mais jovens criando uma divergência entre as diferentes gerações que manifestam em suas práticas uma oposição entre o tradicional e o novo. Os mais novos buscam nas festas um lugar de sociabilidade diferente dos moldes religiosos mais tradicionais. Os mais velhos, apesar de tolerarem tais posturas, incomodam-se, mantendo maior preocupação com a manutenção das antigas práticas.

As festas de balneários e aparelhagem também trazem consigo outro problema: o uso de drogas (lícitas e ilícitas). Os mais velhos se preocupam com tais mudanças de interesses dos mais jovens, que preferem estar aos fins de semana nas festas de aparelhagem do que em celebrações litúrgicas. Perdendo o interesse em participar da pastoral da juventude.

No começo, essas festas ocorriam em períodos diferentes das festas de natureza religiosa, em respeito aos dias considerados sagrados pela comunidade. Mas atualmente os moradores relatam que as festas ocorrem nos mesmos períodos, variando apenas de horário, para não coincidir com a missa.

Entretanto, apesar das divergências expostas, é nítida a participação da maior parte da comunidade nas atividades religiosas, que sempre movimentam um grande fluxo de pessoas, de dentro e fora da vila, de diferentes idades, compartilhando as mesmas práticas desenhadas sobre o território.

Considerações Finais

São perceptíveis as mudanças entre o passado e o presente. As territorialidades dos grupos envolvidos com a festa se transformaram desde a introdução das novas estruturas na Vila, porém, mesmo em constante transformação, observa-se que a ação territorial dos moradores no espaço festivo resiste através das práticas e memórias coletivas, que se estabelecem por meio das fortes relações cotidianas mantidas entre os filhos do cravo, que compartilham o mesmo modo de vida, crenças semelhantes e vínculos afetivos a partir da cooperação e solidariedade nas ações conjuntas. Logo,

A festa, na sua característica quase que totalmente religiosa, transfere, para a comunidade e para o sobrenatural, a possibilidade de reprodução dos homens. (...) Enquanto existirem aqueles que lembram, que praticam a festa e a oferecem à coletividade (...), ela sobreviverá, determinando-se positivamente (SANTOS, 2008, p. 200-201).

A partir dessa leitura percebe-se que a festa se organiza essencialmente na construção de uma memória conjunta ressignificada na atualidade, que aproxima os membros da comunidade preservando o sentido simbólico do ato.

A vila do Cravo, desde a sua formação territorial, teve a religiosidade como uma base para a vida em conjunto. Esta guia as relações de trabalho, ao dar a terra significado sagrado, o pensamento político, através da ação de um catolicismo popular com base na teologia da libertação, e os vínculos sociais ao proporcionar momentos de sociabilidade e reciprocidade como as festas de santo, que alegam a vida em comunidade e proporcionam união àqueles que dela participam.

Conclui-se que tais práticas cotidianas religiosas também podem ser compreendidas como “táticas de resistência” ao estabelecerem uma (re)apropriação do espaço de vivência pelos indivíduos que nele habitam (CERTEAU, 1980). Desse modo, as práticas religiosas, vividas por meio dos festejos de santos, se mantêm fortalecendo singularidades numa ligação subjetiva e emocional da comunidade com o território da festa, criando um sentimento de pertencimento, e reproduzindo um modo de vida camponês.

Referências Bibliográficas

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Estudos Avançados, 2005.

COSTA, A. M. D. & MACEDO, C. O. “Festa de antigamente é que era festa”: memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense. *Revista Estudos Amazônicos*, v.V, n.2, 2010, p. 105-124.

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

FABRINI, João Edmilson. Movimentos sociais no campo e outras resistências camponesas. In: PAULINO, Eliane Tomiasi. FABRINI, João Edmilson (Org.). *Campepinato e territórios em disputa*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2008

GONÇALVES, Carlos W.P. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. CLACSO, 2002.

HAESBAERT, Rógério. Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MACEDO, Cátia Oliveira. SOUSA, Rafael Benevides de. Camponeses E Religiosidade Na Amazônia Paraense. *Revista Terceira Margem Amazônia*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Vol. 2, No 6, 2017.

MALCHER, Maria Albenize Farias. A Formação Das Comunidades Negras Rurais De São Judas E Cravo, No Estado Do Pará. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010

ROSA. João Guimarães. Dialogo com Guimarães Rasa. Obras completus. Ria de Janeiro: Nova Aguilor, 1994.

SANTOS, R. J. Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008, 249p.

SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. Companhia das Letras.1986.